
O USO DO INDICATIVO NO LUGAR DO SUBJUNTIVO NAS PRODUÇÕES DE ESTUDANTES BRASILEIROS DE ESPANHOL

THE USE OF THE INDICATIVE MOOD IN THE PLACE OF SUBJUNCTIVE MOOD IN BRAZILIAN SPANISH STUDENTS PRODUCTIONS

Lisandra Lopes Silva dos Santos¹

RESUMO

Este artigo apresenta algumas dificuldades dos aprendizes brasileiros de espanhol como segunda língua (L2) em relação ao uso do modo subjuntivo nas orações subordinadas substantivas, cuja análise é conduzida sob a perspectiva gerativa sobre aquisição de L2. Considerando que é fato que tal modo coexiste nas duas línguas, o questionamento, então, é: se tanto o português brasileiro (PB) quanto a língua espanhola utilizam o modo subjuntivo, por que os aprendizes produzem sentenças agramaticais em língua estrangeira? A hipótese demonstrada aqui para a observação e análise das produções dos aprendizes se baseia no consenso de que adquirir/aprender uma língua estrangeira não é transportar a estrutura de uma língua para a outra, posto que as línguas se organizam de forma diferente, ainda que sejam muito parecidas, como o PB e o espanhol. Somando-se a essa afirmação, é apresentada a hipótese de que o indicativo vem sendo usado no lugar do subjuntivo em PB, o que pode justificar tais dificuldades.

Palavras-chave: Aquisição de segunda língua. Espanhol como segunda língua. Teoria Gerativa.

ABSTRACT

This article is about some difficulties of Brazilian learners of Spanish as second language (L2) regarding the use of the subjunctive mood in substantive subordinate clauses, whose analysis is conducted within the generative framework about second language acquisition. Considering that it is a fact that this mood coexists in both languages, the question is: if both Brazilian Portuguese (BP) and Spanish speakers use the subjunctive mood, why do learners produce ungrammatical sentences in Spanish foreign language? The hypothesis of this article for the observation and analysis of the learners' productions is based on the consensus that acquiring/learning a foreign language is not about transporting the structure from one language to another; since languages are structured differently from each other, even though they are very similar, like BP and Spanish. In addition to this statement, we present the hypothesis that the indicative mood has been used in place of the subjunctive in BP, which may justify such difficulties.

Keywords: Second language acquisition. Spanish second language. Generative Theory.

1. INTRODUÇÃO

É consenso entre professores que um dos pontos críticos no ensino de espanhol como língua estrangeira (ELE) no Brasil, tal como em outros países do mundo, é o modo subjuntivo. Ainda que as línguas portuguesa e espanhola sejam tão semelhantes, há aspectos não só

morfológicos, mais aparentes, mas também sintáticos e semânticos que as diferenciam. Nessa afirmação, pode estar a justificativa para as dificuldades dos aprendizes em usar o modo subjuntivo. Este artigo apresenta uma hipótese, baseada nas diferenças mencionadas, para tais dificuldades: o fenômeno do uso do indicativo no lugar do subjuntivo em português brasileiro (PB).

1 Mestre em Letras – Grupo de Investigações (In)Formais em Língua(gem) e Cognição (InFoLinC) – Universidade Federal de São Paulo.

Para explicar como se dá o processo de aquisição, será utilizada a perspectiva gerativa de aquisição de L2: a aquisição linguística somente ocorre porque nós, seres humanos, nascemos com o dispositivo da linguagem (CHOMSKY, 1981; 1986).

A hipótese de que no PB é possível utilizar o indicativo no lugar do modo subjuntivo em contextos que, de acordo com a descrição gramatical, seriam gatilho para o uso do subjuntivo, lança luz a um questionamento presente na aquisição de espanhol como L2: se ambas as línguas possuem, em sua estrutura, o subjuntivo, por que os aprendizes brasileiros produzem um considerável número de sentenças agramaticais em L2?

Exemplos de frases agramaticais construídas por aprendizes brasileiros e professores de espanhol, retiradas de Santos (2019) em seu trabalho anterior, serão apresentadas e analisadas de acordo com as características semânticas e morfossintáticas das duas línguas para que seja possível traçar um paralelo entre o que ocorre no processo de aquisição de espanhol como L2 e quais implicações para a aquisição/aprendizagem¹ em contexto de sala de aula.

Para tanto, este artigo estrutura-se da seguinte forma: na seção 2, delimita-se o arcabouço teórico utilizado, a teoria gerativa para aquisição de L2, com ênfase na afirmação de que temos um módulo especializado da mente para o desenvolvimento da linguagem; na seção 3, são apresentados os tempos do modo subjuntivo no PB e no espanhol, bem como os verbos e expressões que são gatilho para o uso do modo subjuntivo nas orações subordinadas substantivas e a hipótese de que, no PB, há o uso do indicativo no lugar do subjuntivo; já na seção 4, consta a análise dos

dados retirados do trabalho anterior de Santos (2019); na quinta e última seção, são feitas as considerações finais e uma sugestão de metodologia para a aplicabilidade do estudo ao contexto de sala de aula.

2. A PERSPECTIVA GERATIVA PARA OS ESTUDOS EM L2

Os estudos gerativos para aquisição de segunda língua têm como base o questionamento proposto por Chomsky (1958) para a língua nativa (L1), denominado Argumento da Pobreza de Estímulo: como a criança sabe muito mais do que ouve, ou seja, como sua produção vai além do que lhe é fornecido como *input*²?

A resposta para a questão é que todos os seres humanos temos um módulo especializado da mente para desenvolver a linguagem, ou seja, essa capacidade é inata à nossa espécie. A característica central da linguagem é a possibilidade de gerar um conjunto infinito de sentenças a partir de um conjunto finito de regras. Essas regras estipulam o que é gramatical ou agramatical dentro de uma língua, ou seja, estruturas que podem ser formadas ou não.

Para a L2, White (2003), que retoma o Argumento da Pobreza de Estímulo, postula que a Gramática Universal (GU), dispositivo da linguagem inerente à espécie humana, é a explicação de como os aprendizes sabem não só o que lhes é dado como *input*, mas também como certas estruturas não são possíveis, ou seja, “o *input* (os dados linguísticos primários – PLD, na sigla em inglês) subdetermina o *output* (a gramática).” (WHITE, 2003, p. 20).

Apesar de a teoria para a aquisição de L2 (AL2) ser baseada nos pressupostos para o desenvolvimento da L1, é notório que o processo se diferencia por algumas razões. Por um lado, o indivíduo já adquiriu uma língua, logo, possui uma matriz linguística e é maduro cognitivamente. Por outro

1 Neste artigo, serão utilizados como sinônimos os termos aquisição/aprendizagem, pois o estudo aqui apresentado traz dados influenciados pela instrução formal em sala de aula, tal como o *feedback* negativo. Marcelino (2007) apresenta a diferença entre os termos e os autores que defendem a posição de que a instrução formal não se relaciona com a competência linguística, bem como a outra perspectiva, que é adotada aqui, de que: “o conhecimento metalinguístico proporcionado por evidência negativa ou instrução explícita pode ter um papel na construção da competência linguística” (MARCELINO, 2007, p. 136), tal como argumenta White (2003) dentre outros.

2 *Input* são os dados linguísticos produzidos no ambiente, sejam eles direcionados ao aprendiz (ou à criança, no caso da L1) ou não. No contexto de aquisição de L2 em sala de aula, o *input* se faz presente nos livros didáticos, nos áudios, na fala do professor ou em outros materiais em língua estrangeira utilizados.

lado, as condições de aprendizagem, tais como as poucas horas de exposição à L2, a orientação aos aprendizes de permanecer calados até que estejam prontos para falar, o *feedback* estar presente unicamente na sala de aula e o discurso adaptado para facilitar a compreensão, também intervêm na aquisição (LIGHTBOWN e SPADA, 2006, p. 36-39).

Essas diferenças entre o processo de aquisição de L1 e de L2 também se manifestam a nível cognitivo. Segundo Marcelino (2017), o processo de AL2 não é estritamente consciente, tampouco possui um estágio de conclusão, podendo ser a todo momento remoldada e aprimorada.

Novamente, se não houver uma capacidade inata, característica da espécie humana, a aquisição linguística não ocorrerá. É necessário também levar em consideração que adquirir uma língua não é transportar as estruturas de uma língua para a outra, posto que as línguas possuem configurações diferentes, ainda que tenham em comum determinados elementos. Essa perspectiva norteia a análise dos dados aqui apresentados.

Tal como é possível observar, tanto o PB quanto o espanhol têm em sua estrutura tempos do modo subjuntivo, embora o quadro não seja exatamente igual, visto que caíram em desuso o futuro e o futuro composto do subjuntivo, estando eles reservados apenas ao vocabulário jurídico ou aos ditados populares – fórmulas prontas – da língua.

Ainda assim, os estudantes brasileiros de espanhol como segunda língua apresentam dificuldades em utilizá-lo corretamente ao expressar alguns significados. Nas seções a seguir é detalhado como as duas línguas se configuram em relação ao uso do subjuntivo.

3. O MODO SUBJUNTIVO NAS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

De acordo com Gómez Torrego (2005), orações subordinadas substantivas são aquelas que funcionam como um substantivo, um grupo nominal ou um pronome dentro

de uma oração complexa, portanto, podem ser sempre substituídas por um pronome, como “isso”. Elas podem realizar as mesmas funções de um substantivo, ou seja, de sujeito, complemento direto, complemento indireto, complemento de regência, complemento circunstancial, complemento do substantivo, complemento do adjetivo e complemento do advérbio.

Como afirmam Cunha e Cintra (2013), “o subjuntivo é por excelência o modo da oração subordinada.” (CUNHA e CINTRA, 2013, p. 482). Assim sendo, o uso desse modo está atrelado ao fato de que as orações são dependentes sintaticamente. No entanto, ao compararmos o PB e o espanhol, há algumas variações nos gatilhos, ou seja, verbos e expressões, que vão demandar o subjuntivo na oração subordinada.

3.1 O modo subjuntivo em espanhol nas orações subordinadas substantivas

Assim como em PB, o quadro verbal do subjuntivo em espanhol também é composto por tempos simples e compostos, sendo eles o *presente de subjuntivo*, *pretérito imperfecto de subjuntivo* e *futuro de subjuntivo* (os simples) e o *pretérito perfecto*, *pretérito pluscuamperfecto* e *futuro perfecto* (os compostos). Entretanto, é consenso entre os linguistas que os tempos futuros (*futuro de subjuntivo* e *futuro perfecto de subjuntivo*) não são utilizados no espanhol atualmente, tendo seu uso restrito à literatura, ditados populares, fórmulas prontas e ao meio jurídico. No Quadro 1 – Tempos do Modo Subjuntivo (MS) em Espanhol, os seis tempos verbais estão presentes.

Palmer (2001) pontua que, ao contrário do que indica a maioria das descrições, a escolha pelo subjuntivo não depende apenas de algo ser *realis* ou *irrealis*, ou até mesmo factual ou não factual, mas que seja uma proposição não assertiva. Ademais, nas orações subordinadas, os verbos *creer* (achar, no sentido de acreditar) e *parecer* (parecer, no sentido de ter a impressão de) em orações

Quadro 1 - Tempos do MS em Espanhol.

Presente	pret. imperfecto / pretérito	futuro simple / futuro
Ame	amara <i>o</i> amase	Amare
ames	amaras <i>o</i> amases	amares
ame	amara <i>o</i> amase	amare
amemos	amáramos <i>o</i> amásemos	amáremos
améis	amarais <i>o</i> amaseis	amareis
amen	amaran <i>o</i> amasen	amaren
pret. perfecto compuesto	pret. pluscuamperfecto	futuro compuesto
haya amado	hubiera <i>o</i> hubiese amado	hubiere amado
hayas amado	hubieras <i>o</i> hubieses amado	hubieres amado
haya amado	hubiera <i>o</i> hubiese amado	hubiere amado
hayamos amado	hubiéramos <i>o</i> hubiésemos amado	hubiéremos amado
hayáis amado	hubierais <i>o</i> hubieseis amado	hubiereis amado
hayan amado	hubieran <i>o</i> hubiesen amado	hubieren amado

Fonte: Adaptado de Real Academia Española (2005).

negativas, *sospechar* (suspeitar) e *suponer* (supor) podem ser seguidos de subjuntivo. Verbos como *sentir* (sentir), *sorprenderse* (surpreender-se), *molestarse* (incomodar-se) e *alegrarse* (alegrar-se) também. Como com verbos de dúvida também se utiliza o subjuntivo sem que a oração principal necessariamente esteja na forma negativa, depreende-se que se há dúvida, usa-se o subjuntivo. Verbos como *negar* e volitivos, como *querer* e *desejar* (desejar), também entram nessa lista.

Essa descrição possibilita ver quais traços semânticos estão envolvidos no uso do subjuntivo em espanhol na oração subordinada substantiva. São eles: [+dúvida], [+emoção], [+negação] e [+desejo].

3.2 O Modo subjuntivo em PB nas orações subordinadas substantivas

O quadro verbal do PB no modo subjuntivo é constituído pelos tempos simples do presente do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do subjuntivo e pelos tempos compostos do pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito e futuro composto, segundo Bechara (2004), como é possível observar no Quadro 2 – Tempos compostos do modo subjuntivo em PB.

O uso desse modo em PB nas orações subordinadas, para Brandão (1963, p. 394), está relacionado às noções de incerteza,

possibilidade, dúvida, futuridade, vontade, desejo, esperança, temor, suposição e concessão. Para o autor, a presença de um verbo ou expressão que exprima alguma dessas noções na oração principal é gatilho para o uso do subjuntivo na oração subordinada. Alguns exemplos são: pedir, solicitar, mandar, determinar, proibir, vetar, permitir, fazer, conseguir, aconselhar, avisar, obrigar, forçar, esperar, aguardar, temer, admirar(-se), espantar(-se), alegrar(-se), ser necessário; orações subordinadas às expressões constituídas com um verbo de ligação (geralmente ser), tais como: é lástima que, será bem que, não é justo que, bem foi que, é possível que (quando se tem a intenção de significar a probabilidade ou incerteza de um fato), duvidar, o adjetivo duvidoso e o substantivo dúvida. Essa extensa lista envolve expressões que carregam os traços semânticos de [+emoção], [+dúvida] e [+desejo].

De acordo com a perspectiva descritiva de Perini (2005), o subjuntivo expressa incerteza, dúvida ou desejo ante o conteúdo do enunciado, assim como é uma marca de subordinação, tal como afirmam Cunha e Cintra (2003). Ainda de acordo com o autor, apenas em estruturas excepcionais e pouco frequentes, o subjuntivo ocorre em uma oração que não é subordinada. Essas orações expressam um desejo ou um voto, como em “Deus lhe acompanhe”.

Perini (2005) também pontua que as noções semânticas não são tão estritas

Quadro 2 - Tempos do modo subjuntivo em PB.

presente do subjuntivo	pretérito imperfeito	futuro
Tenha	Tivesse	Tiver
tenhas	Tivesses	Tiveres
tenha	Tivesse	Tiver
tenhamos	Tivéssemos	Tivermos
tenham	Tivéssemos	Tiverdes
tenham	Tivessem	Tiverem
pret. Perfeito	pret. Mais-que-perfeito	futuro perfeito
Tenha/haja amado	Tivesse/houvesse amado	Tiver/houver amado
tenhas/hajas amado	Tivesses/houvesse amado	Tiveres/houvesse amado
tenha/haja amado	Tivesse/houvesse amado	Tiver/houver amado
tenhamos/hajamos amado	Tivéssemos/houvéssemos amado	Tivermos/houvermos amado
tenham/hajais amado	Tivéssemos/houvéssemos amado	Tiverdes/houverdes amado
tenham/hajam amado	Tivessem/houvessem amado	Tiverem/houverem amado

Fonte: Adaptado de Bechara (2004, p. 255-257).

assim, sendo o indicativo também aceito para expressar falta de certeza, como visto em (1a), alternando com o subjuntivo (1b), devido à negação. Tal alternância não é permitida em espanhol, posto que, nesse idioma, é obrigatório o uso do subjuntivo com a negação na oração principal.

- (1)
a. Eu não creio que Selma fuma cachimbo.
b. Eu não creio que Selma fume cachimbo.

Porém, essa distinção em PB é cada vez menos percebida e usada intencionalmente pelos falantes e há, inclusive, uma tendência da língua a eliminar o papel semântico do subjuntivo e até eliminar gradativamente o subjuntivo (PERINI, 2005, p. 258-259). Contudo, o autor faz essa afirmação aparentemente de forma intuitiva e sem referência a dados e estudos que a corroborem. Em contrapartida, os estudos de Santos (2014) nos fornecem mais dados que vão ao encontro do que afirma Perini (2005), mas não há a conclusão de que tão logo o indicativo substituirá o subjuntivo.

3.3 O uso do indicativo no lugar do subjuntivo em orações subordinadas substantivas

Santos (2014) em seu estudo sobre a variação do uso do indicativo no lugar

do subjuntivo no PB falado no Maranhão e em São Paulo encontrou alguns dados, oriundos de ambas localidades, com o uso do indicativo em orações que têm verbos que carregam o traço semântico [+desejo] e [+dúvida], sobretudo na fala dos mais jovens. Esses dados não constituem a maioria dos usos encontrados, porém são importantes levantamentos que corroboram a hipótese de que o PB admite os dois modos na oração subordinada, ao contrário do espanhol. Alguns dados encontrados por Santos (2014) estão listados em (2).

- (2)
a. [eu não **quero**] que ninguém fala do meu trabalho] e diz que eu não sei fazer.
b. [...] [ela **queria**] [que eu vinha toda noite cuidar da velha] aí eu disse [...]
c. [eu **duvido**] [que algum deles faz melhor do que ela tem feito] mas a gente só quer reclamar.

Como apresentado acima, os verbos querer (que carrega o traço [+desejo]) e duvidar (que carrega o traço [+dúvida]), deveriam, de acordo com as descrições, ser gatilho para o uso do subjuntivo. Entretanto, eles aparecem seguidos pelas formas indicativas de falar, vir e fazer. Esses dados, portanto, indicam que o indicativo é menos marcado que o subjuntivo, ou seja, mais default, portanto pode ser usado com esse valor.

4. O USO DO INDICATIVO NO LUGAR DO SUBJUNTIVO NAS PRODUÇÕES DOS APRENDIZES BRASILEIROS DE ESPANHOL

Santos (2019), em trabalho anterior, apresenta dados obtidos de aprendizes de nível básico, intermediário e avançado. Como nível básico, foram classificados os estudantes do primeiro semestre de espanhol no curso de Letras/Espanhol, que não tiveram a instrução formal sobre os tempos compostos do MS. Os aprendizes de nível intermediário são os que já estudaram esses tempos na universidade e os de nível avançado são os graduados em Letras/Espanhol e/ou professores de espanhol, que são expostos à língua - inclusive ao subjuntivo no geral - constantemente. Nos testes propostos pela autora, o informante deveria completar lacunas e escrever frases com um verbo no modo subjuntivo. Há uma frase e um contexto que servem de gatilho para o uso do modo. No entanto, foi encontrado um número considerável de sentenças utilizando o indicativo. Algumas delas são apresentadas seguidas da análise. Os resultados dos testes bem como sua análise podem auxiliar em sala de aula o professor ao abordar o subjuntivo, ou seja, sugere-se uma proposta metodológica. A informação completada pelo falante está representada em negrito, e se for agramatical, há um asterisco indicando.

4.1 Os falantes de nível básico

Por questões de estágios da aquisição, há um maior número de sentenças no indicativo nos dados dos falantes de nível básico. Isso se deve, principalmente, ao aparecimento tardio do subjuntivo, como aponta Blake (1983) no desenvolvimento da L1, o que sugere que há tendência a isso na AL2 também. Os exemplos (3), (4) e (5), retirados de Santos (2019) vão ao encontro do que afirma o autor.

(3) Mis cosas nunca están en su lugar. No sé más qué hacer.

Mis	cosas	nunca	están	en	su
Minhas	coisas	nunca	estar 3PL-PRES-IND	em	seu

lugar.	No	sé	más	qué	hacer.
lugar.	Não	saber 1SG-PRES-IND ³	mais	que	fazer.

‘Minhas coisas nunca estão no lugar. Não sei mais o que fazer.’

- Puede que alguien *escondió.

Puede	que	alguien	escondió*
Poder 3SG-PRES-IND	que	alguém	esconder 3SG-PRET. PERF-IND.

‘Pode ser que alguém escondeu.’

Em (3) há a escolha por um tempo do indicativo – o pretérito perfeito. O contexto é gatilho para o uso do subjuntivo devido ao traço [+dúvida] que a expressão *puede que* carrega. Em PB também seria aceitável construir a frase com **tenha escondido**, no subjuntivo. A possibilidade de dupla escolha corrobora a tese de que o indicativo é mais *default* em PB.

(4) Quiero que mañana a esa hora los mensajeros ya *han hecho las entregas programadas para hoy.

Quiero	que	mañana	a	esa	hora	los.
Querer 1SG-PRES-IND	que	amanhã	a	essa	hora	os.

mensajeros	ya	han	hecho	las.
mensageiros	já	AUX 3PL-PRET. PERF.COMP-IND	hacer PTCP	as.

entregas.	programadas	para	hoje
entregas.	programadas	para	hoje

‘Quero que amanhã nesse horário os

3 A fim de identificar o tempo, o modo e a pessoa na qual o verbo está conjugado, nas glosas aparecem siglas, cujos correspondentes são: AUX - verbo auxiliar; SG - singular; PL - plural; IND - indicativo; SBJV - subjuntivo; PRET-PERF. - pretérito perfeito; PRET.PERF.COMP - pretérito perfeito composto; PRET.MAIS.QUE.PERF - pretérito mais-que-perfeito; PRES - presente; PTCP - participio.

mensageiros já ***fizeram** as entregas programadas para hoje.

Em (4), é apresentado um exemplo de uso agramatical do indicativo, posto que a presença de uma expressão [+desejo] (*quiero*) na oração principal é gatilho para o modo subjuntivo. Essa sentença tampouco soa bem em português, o que sugere que o processo de aquisição não é justificado completamente pelo transporte das estruturas da L1 para a L2.

(5) La policía no cree que ***ha sido** un accidente.

La	policía	no	cree	que
A	policía	não	crer 3SG-PRES-IND	que
ha		sido.	un	accidente
AUX 3SG-PRET.PERF. COMP-IND		ser PTCP.	um	accidente

‘A polícia não acha que **foi** um acidente.’

Em (5) encontramos um exemplo de diferença entre o PB e o espanhol. Em PB, se a proposição é assertiva, utiliza-se o indicativo, se é não-assertiva, o subjuntivo, de acordo com a descrição gramatical. Já em espanhol, a presença de uma expressão [+negação] induz ao uso do subjuntivo, tornando o exemplo (5) agramatical.

4.1 Os aprendizes de nível intermediário

Os falantes de nível intermediário também usam o indicativo no lugar do subjuntivo. Os exemplos de (6) a (8), retirados de Santos (2019), demonstram esses usos.

(6) No creo que este escritor ***había plagiado** a García Márquez.

No	creo	que	este	escritor
Não	achar 1SG-PRES-IND	que	este	escritor

*habia	plagiado.	a	García	Márquez
AUX 3SG-PRET. MAIS QUE. PERF-IND	plagiar PTCP	a	García	Márquez

‘Não acho que este escritor tinha plagiado o García Márquez.’

Em (6), o aprendiz utiliza um tempo do indicativo – a forma analítica do pretérito-mais-que-perfeito – com a expressão *no creo que* (não acho que), o que é aceitável em PB, mas não em espanhol, posto que a expressão carrega o traço [+negação].

(7) Me fastidia que no ***hicieron** el homenaje a Leopoldo.

Me	fastidia	que	no
Me	incomoda 3SG-PRES-IND	que	não

hicieron	el	homenaje.	a	Leopoldo
fazer 3SG-PRET. PERF-IND	o	homenagem	a	Leopoldo

‘Fico brava que não **fizeram** a homenagem para Leopoldo.’

(8) ¿No te preocupa que tu hija ***vuelve** tan tarde?

No	te	preocupa	que	tu	hija
Não	te	preocupar- 3SG-PRES-IND	que	tua	filha

vuelve.	tan	tarde
voltar 3SG-PRES-IND	tão	tarde

‘Não te preocupa que sua filha **volta** tão tarde?’

Os exemplos (7) e (8) trazem outro uso do indicativo com expressões que carregam o traço [+emoção] (*fastidiar* e *preocupar*). Do mesmo modo, em PB ambas as opções são possíveis, tanto com o indicativo quanto com o subjuntivo. Nesse caso, os aprendizes escolheram uma forma do indicativo para expressar o significado que em espanhol é

possível ser expresso apenas com o subjuntivo.

4.3 Os falantes de nível avançado

Entende-se por nível avançado as respostas de professores de espanhol e/ou graduados em Letras/Espanhol. Nesse grupo, os dados contidos em Santos (2019) demonstram haver poucas ocorrências do indicativo sendo usado no lugar do modo subjuntivo, ainda que elas apareçam, como demonstrado em (9).

(9) No creo que Daniel ***puso** informaciones confidenciales en su blog.

No	creo	que	Daniel	puso
Não	crer 1SG-PRES-IND	que	Daniel	por 3SG-PRET. PERF-IND

informaciones	confidenciales.	en	su	blog
informações	confidenciais	em	seu	blog

‘Não acho que o Daniel pôs informações confidenciais no blog dele.’

A oração subordinada do exemplo (9) também traz o uso de um verbo no indicativo com a expressão *no creo que*. De acordo com os dados coletados por Santos (2019), é possível sugerir que as expressões [+negação] são as que mais tardiamente aparecem sendo usadas com o modo subjuntivo pelos aprendizes brasileiros de espanhol. Esse uso pode estar ligado à distinção, que Perini (2005) aponta como pouco clara para os falantes nativos de PB, entre o indicativo expressar significados mais assertivos e o subjuntivo menos assertivos.

Os usos que em (3), (5) e (6) se mostraram agramaticais, neste grupo se apresentam gramaticais, como em (10) e (11)

(10) Puede que haya **descubierto** algo sorprendente.

Puede	que	haya
Poder 3SG-PRES-IND	que	AUX 3SG-PRET.PERF-SBJV

descubierto	algo	sorprendente
descubrir PTCP	algo	surpreendente

‘Pode ser que ela tenha descoberto algo surpreendente.’

(11) No creo que haya sido un accidente.

No	creo	que
Não	crer 1SG-PRES-IND	que

haya	sido	un	accidente
AUX 3SG-PRET.PERF-SBJV	ser PTCP	um	acidente

‘Não acho que tenha sido um acidente.’

Ambos os exemplos apresentam o uso do modo subjuntivo com expressões que carregam o traço [+emoção] e [+negação]. É nítido que quanto mais avançado for o nível do aprendiz, maior domínio sobre as estruturas da língua estrangeira ele terá, posto que já terá sido muito mais exposto ao *input* nessa língua. O intuito dos dados, portanto, não é fazer uma comparação entre níveis, mas sim demonstrar como ocorre uma parte do processo de aquisição de espanhol como L2 em relação ao modo subjuntivo e a influência da L1 nesse processo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o PB e o espanhol coincidem em muitos usos do modo subjuntivo, de acordo com as descrições gramaticais. Ambas as línguas estabelecem que em proposições [-fatuais] e/ou [-assertivas] esse modo é utilizado. Além disso, a extensa lista de verbos e expressões que são gatilho para o uso do subjuntivo também tem muitos pontos em comum em ambas as línguas.

Entretanto, essas classificações não abarcam todos os usos do subjuntivo. Em

espanhol, em contextos [+negação], como o verbo negar e a expressão *no creo que*, há a obrigatoriedade do uso do referido modo. Já em PB, com **não acho que**, pode-se usar tanto o indicativo quanto o subjuntivo, a depender de outros fatores: o grau de assertividade da proposição e se o contexto é formal ou informal. Esse dado indica que há também uma diferença semântica entre as duas línguas, já que alguns traços semânticos levam ao uso do subjuntivo em espanhol, enquanto o mesmo não ocorre em PB.

A partir disso, pode-se propor que a seleção do modo subjuntivo é mais variável em PB que em espanhol nas orações subordinadas substantivas. Fatores sociolinguísticos, tais como idade e (in)formalidade da situação também influenciam a seleção do modo. Em PB, de acordo com o estudo de Castro (2005), nos contextos mais informais, pode haver o uso indicativo onde se espera o subjuntivo. Ademais segundo Santos (2014), os mais jovens tendem a utilizar mais o indicativo em contextos de modo subjuntivo que os mais velhos.

Ainda que a afirmação de Perini (2005) sobre o subjuntivo estar desaparecendo no PB não possa ser tomada como um veredito, Santos (2014) apresenta que está ocorrendo uma mudança favorável ao uso do indicativo no lugar do subjuntivo no PB. Em diversos contextos, como demonstrado na análise exposta na seção 4, o PB admite tanto o modo subjuntivo quanto o modo indicativo para expressão de alguns significados, o que não ocorre em espanhol. Ainda assim, é importante ressaltar que nem tudo no processo de AL2 é justificado pela transferência da L1.

Desse modo, o falante nativo de PB possui duas opções: o indicativo ou o subjuntivo para expressar os significados que em espanhol se expressam somente com o subjuntivo. Essa é uma diferença morfossintática entre as duas línguas. Ou seja, o falante de PB como L1 possui em sua gramática duas opções de seleção do modo.

Por fim, é necessário reforçar que essa gama de opções parece ser uma das questões que influencia o processo de AL2,

dada à produção de sentenças agramaticais usando o indicativo (que vão diminuindo gradativamente conforme o nível de proficiência), mas não a única. Diversos fatores também estão envolvidos no processo, tais como a frequência da exposição ao *input* e as amplas diferenças morfossintáticas e semânticas entre as línguas, dentre outros. Ademais, o fato de o falante de nível mais avançado optar majoritariamente pelo uso do subjuntivo corrobora a hipótese gerativa de que o processo de AL2 é a todo tempo remoldado e aprimorado, como descreve Marcelino (2007). Também é corroborada a hipótese de que o subjuntivo é um dos fatores que aparece mais tardiamente na aquisição tanto na L1, como apontado por Blake (1983), quanto na L2, como demonstrado pelos dados.

A proposição apresentada aqui tem como finalidade esclarecer como se dá uma parte da aquisição do modo subjuntivo por aprendizes brasileiros de espanhol. A partir dela, professores de espanhol podem optar por conduzir o processo de ensino-aprendizagem com uma abordagem voltada mais à semântica das expressões que induzem ao modo subjuntivo em espanhol. Ou seja, ao invés de apresentar ou impor o decorar de uma extensa lista de regras com foco nas características morfossintáticas ao tratar do tema em sala de aula ou, ainda, estabelecer uma falsa simetria que coloca o PB e o espanhol como línguas que utilizam o modo subjuntivo de maneira idêntica, uma alternativa é focar os gatilhos para o uso do subjuntivo.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. 34 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BLAKE, Robert. Mood selection among spanish-speaking children, Ages 4 to 12. In.: **Bilingual review / La Revista Bilingüe**, [S.l.] v. 10, n. 1, janeiro-abril 1983, p. 21-32.

CASTRO, Rosangela Abrahão de. **Emprego do indicativo e do subjuntivo em redações do**

ensino médio. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

CHOMSKY, Noam. A review of B. F. Skinner's verbal behavior. **Language**, [S.l.], v. 35, n. 1, 1958, p.26-58.

CHOMSKY, Noam. **Lectures on government and binding.** Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, Noam. **Knowledge of language: Its Nature, Origin and Use.** New York: Praeger, 1986.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo.** 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

GÓMEZ TORREGO, Leonardo. **Gramática didáctica del español.** Madrid: SM, 2002.

LIGHTBOWN, Patsy; SPADA, Nina. **How languages are learned.** 2 ed. rev. New York: Oxford University Press, 2006.

MARCELINO, Marcello. **O parâmetro de composição e a aquisição/aprendizagem de L2.** 2007. 225 f. Tese (doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem - Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/269158>. Acesso em: 31 mai. 2020.

PALMER, Frank R. **Mood and modality.** 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática descritiva do português.** São Paulo: Ática, 2005.

REALACADEMIA ESPAÑOLA; ASOCIACIÓN DE LAS ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. **Nueva gramática de la lengua española.** Madrid: Espasa Libros, S. L., 2010.

SANTOS, Lisandra Lopes Silva dos. **Tempos compostos do modo subjuntivo na aquisição de espanhol como segunda língua por aprendizes brasileiros sob a perspectiva gerativa.** 2019. 158 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2019.

SANTOS, Wendel. **A morfologia do indicativo na expressão do MS em São Paulo e em São**

Luís. 2014. 141f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

WHITE, Lydia. Second language acquisition: from initial to final state. In: ARCHBALD, John. **Second language acquisition and linguistic theory.** Oxford: Blackwell, 2003, p. 130-155.